

Adjetivos Privativos:

Análise Inicial

Dedilene Alves de Jesus

Professora da Universidade Severino Sombra, Centro de Letras, Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, Curso de Letras, dedilene@yahoo.com.br

***Resumo.** Este artigo tem como objetivo delimitar a conceituação dos adjetivos privativos sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. Para tanto, faremos uso de pressupostos teóricos da Semântica Formal, para análise contrastiva, bem como das ideias apresentadas por Coulson e Fauconnier (1999) e Sweetser (1999). Para compreensão dos processos de mudança do status do referente, faremos uso do mecanismo de mesclagem conceptual (FAUCONNIER E TURNER, 2002).*

***Palavras-Chave:** Adjetivos Privativos. Linguística Cognitiva. Mesclagem Conceptual. Modificação Adjetival.*

Private Adjectives:

Initial Analysis

***Abstract.** This article aims to define the concept of private adjectives from the perspective of Cognitive Linguistics. To do so, we use theoretical principles of Formal Semantics for contrastive analysis and the ideas presented by Coulson and Fauconnier (1999) and Sweetser (1999). To understand the processes of changing the status of the referent, we use as a support mechanism of conceptual blending (Fauconnier and Turner, 2002).*

***Keywords:** Private Adjectives. Cognitive Linguistics. Conceptual Blending. Adjectival Modification.*

Introdução

Nos estudos realizados a respeito dos adjetivos, percebe-se que há uma lacuna quanto a um tipo específico de construção (adjetivo privativo), geralmente representado por N + Adj. As gramáticas tradicionais afirmam que o adjetivo mantém, em relação ao substantivo, funções atributiva e predicativa. Também pode ser considerado um modificador do substantivo (Pereira, 1909; Ribeiro, 1926). Para Basílio (2000), critérios semânticos, sintáticos e morfológicos definiriam essa classe, sendo que o morfológico seria o de menor distinção, uma vez que substantivos também se flexionam em gênero e número. Na gramática gerativa, o adjetivo mantém com o nome uma proximidade relativa, já que ambos partilham o traço [+N]. Dessa forma, o adjetivo seria considerado um tipo de nome.

A partir dos pontos abordados, alguns questionamentos surgem:

- a) O que caracteriza um adjetivo privativo?
- b) Em que contextos ocorre a modificação adjetival?
- c) Todo adjetivo privativo tem o mesmo comportamento?

Para responder a tais questionamentos, desenvolvemos os tópicos a seguir, enfocando a análise nas seguintes construções: menino de ouro, barco de papel, urso de pelúcia, cavalo de pau, aluno de primeira.

Adjetivos privativos na Semântica Formal

Segundo os estudos formais, há distinção semântica de acordo com a posição do adjetivo em relação ao substantivo:

antigo fumante – ex-fumante (aqui ocorre adjetivo privativo)

fumante antigo – quem fuma há muito tempo (aqui não ocorre adjetivo privativo)

Os adjetivos privativos são compreendidos como funções de propriedades para propriedades, ou seja, são funções que se aplicam a nomes; essas funções diferem de acordo com o tipo de adjetivo (DALLA PRIA, 2008). Esse tipo de adjetivo caracteriza-se pela modificação que causa no significado do substantivo – ‘revólver falso’ não é um revólver de verdade, isto é, o sintagma adjetival ‘falso’ muda a propriedade do substantivo ‘revólver’.

Em geral, os adjetivos podem ter o seguinte comportamento semântico:

- Predicativo – relação de conjuntos (intersecção)

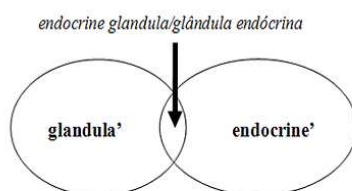


FIGURA 1 – Representação da intersecção da denotação de **endocrine'**(x) com a denotação de **glandula'**(x) para a interpretação de *endocrine glandula* e *glândula endócrina*.

- Afirmativo – relação de conjuntos (subsecção)

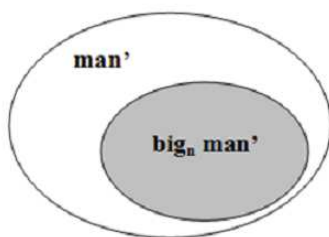


FIGURA 2 – Representação da subsecção da denotação de **big'**(x) e da denotação de **man'**(x) para a interpretação de *big man* e *homem grande*.

- Privativo – relação de propriedades para propriedades. Fórmula: **former'** (senator') = [former senator]'

Quanto ao adjetivo privativo, não há esquema que o represente, mas um postulado estabelecido por Kamp (1975):

Para cada propriedade P e cada $w \sqsubseteq W$, $F(P)(w) \cap P(w) = \emptyset$

Lê-se: “para cada propriedade P e para cada w (“mundo possível”) \sqsubseteq (“pertencente a”) W (“o conjunto não vazio de todos os mundos possíveis”), F(P)(w) (“o significado F na propriedade P e no mundo possível w”) \cap (“interseccionada com”) P(w) (“a propriedade P no mundo possível w”) = \square (“é um conjunto vazio”)”.

Isso quer dizer que o adjetivo privativo transforma a condição de verdade do sintagma nominal. Sweetser (1999) afirma que, em geral, nas construções N + Adj há uma compreensão de espaços mentais múltiplos, válidos implicitamente. Nos sintagmas ‘barco de papel’ e ‘urso de pelúcia’, o adjetivo retira o traço de realidade do nome, projetando a construção para o campo do conjunto vazio, uma vez que não

se trata, respectivamente, de um barco de verdade ou um urso mesmo. A condição de verdade é alterada (o que pela tradição seria considerada uma construção bloqueada, já que não há correspondência da forma com o mundo real), ativando um outro processo cognitivo para compreensão do significado do sintagma.

Pode-se afirmar que estamos diante de um sintagma que tem propriedades composicionais, uma vez que este trabalhará dentro do três eixos: frames, zonas ativas e espaços mentais (SWEETSER, 1999). Os *frames*, conceito bem fundamentado por Fillmore (1982), *grosso modo*, são molduras na situação comunicativa; palavras como *comprar* e *preço* evocam o frame ‘cena comercial’. O fenômeno das zonas ativas é difuso na linguagem; há distinção de zona ativa nos enunciados a seguir: “Coloquei o lápis na mesa”, “Coloquei o lápis no apontador”. No primeiro enunciado, está claro que todo o lápis foi posto em cima da mesa, enquanto no segundo há a ideia de que parte do lápis (e não ele todo) foi colocada no apontador. O que nos permite ter essa interpretação é, essencialmente, a zona que é ativada de acordo com o contexto de cada enunciado. Os espaços mentais, largamente estudados por Fauconnier (1987), são construtos teóricos que descrevem interconexões entre partes de estruturas conceituais complexas; a principal característica de um espaço mental é a capacidade de apresentar mapeamentos cognitivos sistemáticos entre uma e outra projeção, formando cadeias referenciais.

A respeito da construção N + Adj Priv, há necessidade de ser considerada em uma forma ampla, não somente em parte, pois é dessa forma que a mesma consegue cumprir o postulado para caracterização do adjetivo privativo.

Voltando ao postulado estabelecido por Kamp, cremos ser interessante focar o conjunto vazio como resultado para o adjetivo privativo. Por que vazio? Segundo a semântica formal, uma vez que não há correspondência entre forma e mundo real, a significação para tal elemento fica prejudicada, decorrendo daí a ideia de que, como não se trata de um objeto concreto no mundo, estaríamos diante de um não-objeto. Cumpre aqui, talvez, sinalizar que tal resultado aponta para uma negação, que, segundo Molina (2009), deve ser interpretada como uma propriedade que tal objeto deveria ter, mas não possui. O estudioso afirma, embasado na lógica fregeana, que adjetivos privativos como ‘cego’, ‘surdo’ e ‘mudo’ negam componentes de um enunciado, mas não negam toda a proposição.

Análise das construções

Para gerar uma análise produtiva sobre as construções, desenvolvemos três eixos: definição do instrumento, delimitação e possíveis resultados.

Definição do instrumento de análise

Coulson e Fauconnier (1999) apontam dois modelos de análise dos adjetivos privativos:

- Modelo de criação de sentido (Frank, 1995) - No modelo de criação de sentido, temos várias perspectivas no mesmo referente discursivo. Há três processos envolvidos: *unificação, união prioritária e coerção metonímica*.
- Teoria da mesclagem conceptual (Fauconnier e Turner, 1996) - Parte de operações que combinam modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais. Por sua vez, espaços mentais são vistos como construtos temporários para informação relevante sobre um domínio particular.

Os autores apontam a mesclagem conceptual como testagem mais propícia, porque se encontra nos níveis mais altos de operações de mapeamento cognitivo, que definem similitudes e diferenças entre o real e o ‘falso’.

Contudo, Coulson e Fauconnier ainda afirmam que a interpretação contextual é basilar para diferir expressões como ‘leão de pedra’: em um contexto de zoológico, ‘leão de pedra’ pode ser um leão que fique parado como uma pedra (nesse caso, não temos adjetivo privativo, pois o leão vai ser mesmo um leão animal); em outro contexto, como o de estátuas, ‘leão de pedra’ pode ser um objeto de pedra que represente um leão (aí temos uma matéria que é diferente do corpo de um leão de verdade).

Para análise das construções citadas no tópico 1, delimitaremos os seguintes aspectos: a) o contexto em que tais construções se inserem; b) a presença de polissemia em algumas delas; c) os traços que diferenciam adjetivos privativos de outros tipos de adjetivos.

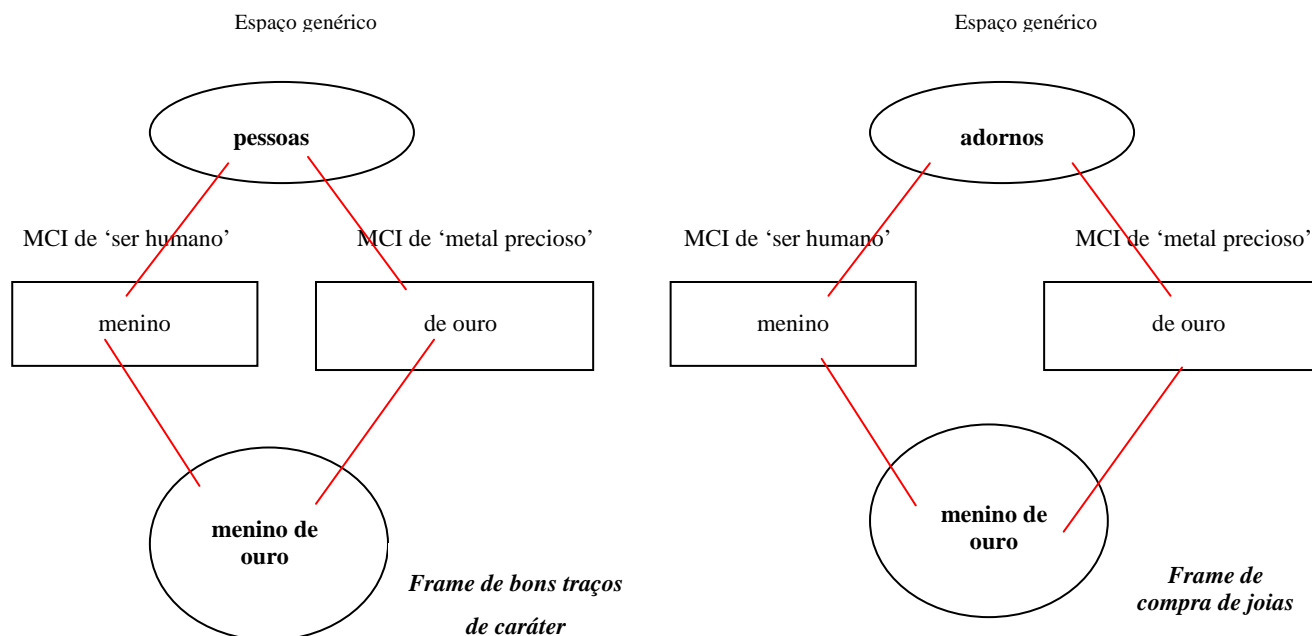
Resultados possíveis

Analisaremos as construções a seguir, nos parâmetros estabelecidos nos itens anteriores: menino de ouro, barco de papel, urso de pelúcia, cavalo de pau, aluno de primeira.

Menino de ouro

Em ‘menino de ouro’, à primeira vista, a compreensão que emerge é a metafórica – um menino que tem bom caráter, bem criado. Para chegarmos à compreensão de que ‘de ouro’ tem características de privativo, precisamos projetar o elemento ‘menino’ para o espaço de objeto que é representação do real: um boneco que represente um menino. É possível fazer essa projeção, dentro de uma cena de brinquedos (‘menino de ouro’ é um boneco) ou objetos de adorno (‘menino de ouro’ passa a ser compreendido como um pingente, no caso).

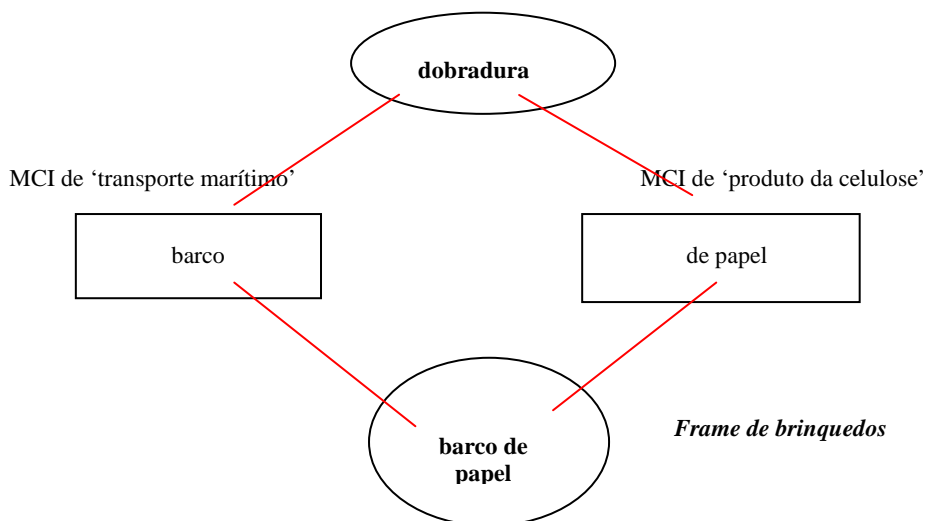
Observemos o esquema da mesclagem conceptual para as duas acepções de ‘menino de ouro’:



Se testarmos tal construção com nomes com traço [- humano], perceberemos que a adjetivação privativa é acionada em alguns casos: 'bola de ouro' não tem a mesma propriedade que uma bola comum, mas 'vaso de ouro' não deixa de ter a propriedade de um vaso que, no caso de alguém muito rico, vai ser usado para as mesmas funções de um vaso comum. Nesses casos, não é o traço [- humano] que diferencia uma construção da outra, no que diz respeito à compreensão dos privativos.

Barco de papel

A construção 'barco de papel' encontra-se no universo das dobraduras, bem afastada do universo de transporte marítimo. O traço que liga a dobradura ao transporte marítimo se dá pela semelhança pictórica do barco desenhado por nós com a dobradura realizada (não é pela semelhança direta com o transporte, pois o barco em si pode ter vários formatos, muito diferentes até daquele que representamos pictoricamente). Pela função exercida pela dobradura (ser colocado na água e boiar), vemos outra semelhança com o objeto do mundo real.



Podemos combinar alguns nomes ao adjetivo privativo, sem perda da compreensão do significado: 'roupa de papel', 'carro de papel', 'casa de papel'. É interessante notar que, quando associamos o nome a outros adjetivos considerados prototipicamente privativos, não temos o efeito esperado: 'barco antigo' continua sendo um barco, 'barco falso' pode ser mesmo um barco (com problemas de documentação, de funcionamento).

Urso de pelúcia

Em 'urso de pelúcia', temos uma construção também com adjetivo privativo, pois não designa um urso de verdade, nega a propriedade essencial do primeiro elemento. O input focado no material sintético é suficiente para fazer essa negação. Ao contrário de 'cavalo de pau', temos nesta construção uma maior facilidade em associar a outros nomes de animais: 'leão de pelúcia', 'cobra de pelúcia', 'vaca de pelúcia', 'peixe de pelúcia', 'gato de pelúcia'. Seria essa facilidade associada ao fato de que realmente temos esses objetos no mundo, já criados e postos à venda nas lojas? Nesse caso, a locução 'de pelúcia' não seria tão estranha, pois há correspondência com tais objetos na realidade, embora não sejam a representação real do animal.

Cavalo de pau

Essa construção também irá apresentar algumas dificuldades na análise; temos pelo menos duas significações para a construção: pode ser um brinquedo (sentido literal) ou uma manobra com carro (sentido metafórico). No segundo caso, não estamos diante de uma construção com adjetivo privativo. No primeiro, há de se levar em

conta, essencialmente, a questão de MCI (modelo cognitivo idealizado), já que nem todos os falantes brasileiros dão o mesmo nome para esse brinquedo e em muitos lugares ele deixou de ser feito de madeira para ser de plástico (o que implicaria uma outra análise, na qual não vamos nos ater aqui).

Se testarmos outros elementos com o adjetivo, teremos o mesmo resultado? Há, pelo menos, uma controvérsia: temos bicho de pau, que literalmente é um animal (claro que estamos pensando na motivação icônica para a nomeação de tal animal). Mas podemos ter ‘cobra de pau’, ‘leão de pau’, ‘peixe de pau’ ou ‘vaca de pau’? Cremos não ser possível essas construções na língua por causa da existência de uma variante para esses casos: quando nos referimos a um objeto que represente um animal, feito de material vindo da madeira, costumamos dizer ‘vaca de madeira’, ‘leão de madeira’, ‘peixe de madeira’, ‘cobra de madeira’. Mas não usamos ‘cavalo de madeira’ para se referir ao brinquedo; ‘cavalo de madeira’ seria uma representação do animal que não serve como montaria, que é somente um enfeite.

Aluno de primeira

‘Aluno de primeira’ não é um caso de adjetivo privativo, uma vez que temos extensão predicativa e não mudança de propriedade. Assim, podemos considerar a construção composicional, mas não a ponto de ter a propriedade inicial do substantivo transformada.

Considerações finais

Sweetser (1999) afirma que não deveríamos, no caso dos privativos, considerar na análise os itens separadamente, até porque estamos diante de uma composicionalidade. A estudiosa, ao citar o exemplo de ‘bola vermelha’, discorre a respeito da compreensão mediada pelo contexto; uma bola vermelha, sem levar em conta o contexto, é somente uma bola com a superfície vermelha. Mas dentro do contexto, ‘bola vermelha’ pode ser uma bola que, no meio de tantas que têm a superfície azul, é vermelha em sua constituição interior; mais ainda, pode ser uma bola com uma marca vermelha, entre outras acepções.

Nos exemplos citados, percebemos que há uma dificuldade na generalização das características do adjetivo privativo, já que, como vimos, não podemos estabelecer como adjetivo privativo qualquer tipo de matéria. O que nos parece é que o traço [+matéria] geraria com mais facilidade um adjetivo privativo, mas não podemos, em uma pequena amostra, determinar esse fator predominante em todos os casos.

Referências

- Basílio, M. Teoria lexical. São Paulo: Ática, 2000.
- Chierchia, G., McConnell-Ginet, S. Meaning and grammar. Cambridge: The MIT Press, 1990.
- Coulson, S., Fauconnier, G. 1999. Fake Guns and Stone Lions: Conceptual Blending and Privative Adjectives. In B. Fox, D. Jurafsky, & L. Michaelis (Eds.) *Cognition and Function in Language*. Palo Alto, CA: CSLI.
- Dalla Pria, A. Uma proposta de descrição formal de adjetivos intersectivos, subsectivos e não-predicativos no inglês e no português. Ícone - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v.2, p.16-30, jul. 2008.
- Fillmore, C.J. Frame semantics. In *Linguistics in the Morning Calm*, Seoul, Hanshin Publishing Co., 111-137, 1982.
- Kamp, J. A. W. Two theories about adjectives. In: KEENAN, E. L. Formal semantics of natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.
- PEREIRA, E.C. Grammatica Expositiva: Curso superior. 2.^a ed. São Paulo: Duprat & Cia, 1909.
- Ribeiro, J. Grammatica Portugueza. 22a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926.
- Sweetser, E. Composicionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. In Jansen, T. & Redeker, G. (eds.) *Cognitive Linguistics: Foundations, scope, and methodology*. Berlin/Nueva York: Mouton de Gruyter; 129-162.